

Histórias de África

Realidades vividas por mim

O Velho MUKA

Para quem chega a África pela primeira vez, uma das sensações que não vai esquecer, fixando-a para sempre, é o cheiro intenso da terra. É algo tão característico e estranho que se funde no interior das nossas narinas, que se cola a nós nesse momento e perdura assim durante todo o tempo da nossa estadia.

Foi assim que comigo aconteceu. Ao chegar a Bissau, mal a porta do avião se abriu, o bafo daquele ar foi tão forte que quase deixei de respirar. A pouco e pouco recuperei a respiração, ficando envolto num acre-doce de tudo o que me rodeava. Até o odor das pessoas por quem passava parecia ter o mesmo sabor.

Mais tarde, já mais habituado à vivência e convivência na cidade e num dos poucos momentos de lazer, fui visitar uma tabanca nos arredores de Bissau juntamente com o colega Victor que trabalhava na Petromar.

Uma tabanca, ou aldeia, é um aglomerado de palhotas quase todas redondas, construídas com barro vermelho amassado com palha, cobertas com colmo ou folhas secas de palmeira.

Numa palhota existe uma única entrada. Apenas um pano, geralmente colorido, desempenha a função da porta. Lá dentro há apenas uma cama onde geralmente se deita o mais idoso da família. Os outros familiares, entre homens, mulheres e crianças, podem por vezes ser oito ou até dez, que dormem alinhados em volta de uma pequena fogueira colocada no centro.

O Victor já conhecia o velho Moukaré, mais conhecido por Muka. Talhado no osso, tinha um olhar triste e longínquo, encastrado num rosto sofrido e totalmente esculpido por desfiladeiros áridos por entre veias salientes e rugas já em pregas.

A neve já há muito que tinha coberto a sua cabeça, dando-lhe uma aparência de dupla cumplicidade. Por um lado um passado definhado e triste, e ao mesmo tempo um presente respeitado mas sem futuro.

Estava sentado num pequeno tronco à entrada da palhota, com o queixo apoiado nos joelhos e as mãos agarradas aos tornozelos. Junto a si um pequeno cão escanzelado dormia enroscado.

Ao ver-nos, tentou levantar-se, mas em vão. As suas forças já não lho permitiam. Foi o Victor que o ajudou, dando-lhe um pau como bengala. Um dos pés estava descalço e tinha apenas um dedo. O outro estava enfiado num chinelo de praia meio desfeito, de um amarelo sujo e barrento, coberto de moscas.

Um riso rasgado e franco deixou ver o único dente que tinha na boca. Feitas as apresentações habituais, sentámo-nos junto a ele e ali ficámos.

- Então Mouka como vai a vida ? – perguntou o Victor

- *A vida ? Oi, oi sô Vitó, respondeu ele, família do Muka passa mal. O situação dos Guiné é uma desgraçada de miséria. Os políticos enchem os cu de corrupção e nós moremos com fome dos diabo. Xé !*

- Então o Kumba não é um bom presidente ? – continuou o Victor

- *Sabe sô Vitó, Muka não entende disso. Sabe, família passar mal os dias todos. Até os criança. Não temos nada pá comê. Que fázê ?*

- Deixa lá isso agora, conta lá a este meu amigo o que fazias na vida. Trabalhavas em quê ?

- Eh, eh, eh , - riu ele abrindo a boca toda, *Muka era funcionário da Dicol. Era Importante ! Lá se armazenava o gás dos garrafa. Sabe onde é ? Pertinho do rio. Eu tinha um machimbombo, uma camioneta, e ia fazer distribuição dos garrafa aos clientes da cidade grande.*

Foi tempos muito bons. Tinha fardamento, camisa azulinha e até bota. Nessa altura eu viver numa casinha pequena, uma chitonga, sabe, junto ao porto dos barco. Tinha pão os dias todinhos, e toda a gaja queria o Muka ! Depois veio a Petromar e o Muka já não andou mais no machimbombo. O trabalho acabou e depois reformei. Quer ver o que tenho ainda guardadinho numa caixa ? Vou buscar pô sinhô.

Instantes depois surgiu aquele homem velho, vergado e vergastado pela vida, com uma caixa de sapatos na mão. Com muito cuidado tirou a tampa e retirou de dentro o que sobrava de um boné da Petrogal, que imediatamente colocou na cabeça, uma camisola cor de laranja da Sonap, duas esferográficas da Cidla e uma bandeira de Portugal, meia esfarrapada.

Com a bandeira na mão e uma lágrima teimosa a escorrer-lhe pela face, lá foi dizendo:

sabe menino, neste tempo, Muka não tinha fome. Veja agora !..num tem nada nos terra, num tem nada pós criança, nada ! nada ! só barriga vazia...

Fiquei estarecido. Não disse nada. Não valia a pena. Fixei apenas a imagem daquele homem, com a bandeira portuguesa esfarrapada a pender-lhe da mão, na cabeça um boné roto da Petrogal e quase sem pala e uma caixa de sapatos, vazia, junto aos pés, juntamente com a camisola cor de laranja da Sonap mais encardida que o seu pescoço. Dos seus olhos húmidos continuavam a escorrer lágrimas teimosas que ele tentava limpar com as costas de uma mão, segurando-me o braço com a outra.

Ambos tivemos a mesma ideia. Nesse dia o Muka comeu pão de trigo, manteiga de amendoim e marmelada, juntamente com toda a família que, nesse dia, por vontade sua, foi toda a tabanca.

Duas garrafas de sumo de ananás completaram o banquete, juntamente com uma pilha de copos de plástico e alguns guardanapos de papel.

Nessa noite eu e o Victor dormimos mais felizes, e o mundo ficou um pouco mais fraterno e solidário.

O Mamadu do Ramiro

Em Bissau costumávamos ficar alojados em casa do Ramiro, um empreiteiro da Petrogal, responsável pela construção e manutenção dos postos de abastecimento na Guiné, que por lá trabalhava há alguns anos.

Era uma casa grande, térrea, de estilo colonial, com cinco quartos, uma sala enorme e um pequeno logradouro entre o portão da rua e a porta de entrada. Até os administradores da empresa quando iam à Guiné Bissau ficavam naquela casa, onde podiam usufruir de boa comida, de um bom ambiente e ao mesmo tempo estar a par das notícias de Portugal e do mundo, graças à antena parabólica que o Ramiro tinha trazido do Senegal. Era muito mais confortável e asseada que o próprio e único hotel da cidade. Acima de tudo porque nunca havia falta de água e o gerador funcionava em pleno, fornecendo electricidade e sobretudo ar condicionado.

Para segurança e serventia da casa, havia um negro a quem chamavam Mamadu, com uma envergadura de respeito. Um metro e noventa de altura, mais de cem quilos de peso, e uma mão aberta do tamanho da cara de qualquer um.

Permanecia vinte e quatro horas á porta da casa, sempre atento, quer de noite quer de dia, ao chamamento do patrão ou de quem dele precisasse. Por graça, o Ramiro costumava dizer que ele era melhor e mais útil que o melhor cão de guarda. Dormia no chão a dois metros da porta da entrada, num colchão de molas, sem outra roupa que não fosse um cobertor. Diziam os conhecidos da casa que ele não era o que parecia. Era meigo, afável e raramente se metida em confusões. Era um paz d' alma.

Mal ouvia o seu nome, entrava em casa de olhos bem abertos respondendo ao chamamento e pronto a satisfazer qualquer desejo.

Quase tudo naquela casa era feito por ele. – Mamadu vai buscar cerveja. – Mamadu vai levar os sacos do lixo. – Mamadu vai comprar cigarros. – Mamadu vai saber que filme dá hoje no Cinema. - Mamadu vai lavar o carro.

Um dia chegou a Bissau o Engº Luis Forte e hospedou-se, como era seu hábito, na casa do Ramiro.

Dessa vez chegou já a noite espreitava. Feitas as apresentações, começámos o jantar por uns aperitivos, servidos pela governanta da casa que também era a cozinheira.

A sala estava decorada nas paredes com panos tradicionais e alguns instrumentos de caça. No tecto dois candeeiros iluminavam o espaço com uma luz ténue e amarelada, talvez pela qualidade e potência das lâmpadas.

A um canto ao fundo, uma grande televisão permanecia sempre ligada, de frente para dois enormes sofás onde duas jovens guineenses se enroscavam, fumando Malboros uns a seguir aos outros e bebendo copos de coca cola com gelo.

Lembro-me perfeitamente da altura em que o Ramiro chamou o Mamadu como habitualmente fazia. Como não aparecia, voltou a chamá-lo, desta vez com mais entoação. Novamente sem resposta ficou intrigado e num desconforto bem visível.

Pedi desculpa por sair da mesa, abriu a porta da rua e berrou por duas vezes o nome de Mamadu. Foi então que este saiu debaixo do Jeep do Engº Luis Forte, trazendo um arame preso a uma das pernas. Indagado sobre o motivo de tal comportamento rapidamente ficámos a saber toda a história.

Como tinha visto alguém a rondar o Jeep, pensou tratar-se da preparação de um eventual assalto. Resolveu então deitar-se debaixo dele, e atar uma perna ao eixo da direcção. Assim, terá pensado ele, além do Jeep não ser roubado, o ladrão era apanhado e ele cumpria o seu dever de guarda.

Só que, quando o Ramiro o chamou, ele não se lembrou que tinha a perna presa e quis sair num ápice debaixo do Jeep. A força foi tanta ou tão pouca, que o arame ficou de tal maneira vincado na carne, que o desgraçado mal tinha forças para falar. Só quando o Ramiro saiu de casa aos berros é que ele conseguiu libertar-se, saindo a sangrar da perna. Mesmo assim pedia desculpa a choramingar, repetindo que a ferida não doía.

Nesse momento já todos nós estávamos na rua a presenciar a patética cena.

Ao vê-lo, o Eng^o Luis Forte, como homem generoso e sensível que era, comoveu-se de tal maneira, que ajudou o pobre Mamadu a entrar em casa exigindo que ele se sentasse à nossa mesa.

Normalizada a situação, a refeição foi retomada com grande entusiasmo, agora com mais um motivo de conversa, para gáudio de todos.

Ainda não tínhamos pegado nos talheres, quando de repente um grito e um estrondo quebraram o ambiente. A empregada da cozinha ao entrar na sala, tinha acabado de deixar cair a travessa do arroz de marisco, partindo-a em mil pedaços, salpicando tudo à nossa volta, deixando nas paredes montículos de arroz a escorrer até ao chão, já coberto de camarões, patas de caranguejo e nacos de lagosta.

Depois do susto e dos desabafos vernáculos do Ramiro, ficámos a saber que a pobre mulher, ao entrar na sala e ao ver o Mamadu à mesa, ficou de tal maneira em pânico que deixou cair a travessa e fugiu para a cozinha a gritar Vodou, Vodou.

A justificação daquele estranho comportamento veio logo de seguida pela boca do próprio Ramiro. A pobre e assustada mulher julgou ter visto uma assombração, uma vez que o Mamadu jamais tivera autorização para se sentar à mesa do patrão. Daí que tenha pensado que estava a ver um fantasma ou um espírito mau. Soubemos mais tarde ser comum os seguidores daquela seita terem tais visões e atitudes como aquela.

Perante uma refeição desfeita e um início de noite conturbado, o Ramiro colocou em prática o seu plano B, como era habitual ter, sempre que fazia qualquer trabalho por mais insignificante que fosse, e convidou-nos para um restaurante ali perto, onde por acaso a especialidade da casa era nesse dia o arroz de marisco.

Lembro-me que nessa noite conversámos até altas horas da madrugada, divagando pelo mundo, com todo o tempo do mundo, enquanto o Mamadu permanecia deitado no seu colchão, com um enorme saco de gelo ao redor da perna, sempre atento ao mais leve chamamento ou sinal de perigo.

Para alguém que já partiu, que Deus o tenha em paz...

Um lanche na escola

Uma das vezes que fui a S. Tomé em serviço, levei comigo cerca de cem bonés azuis da GalpEnergia, outras tantas t-shirts cor de laranja com o mesmo logotipo e duas mãos cheias de porta-chaves e esferográficas.

Essas ofertas foram entregues na escola que me tinha sido indicada pelo motorista que me acompanhava sempre durante as estadias.

Disse-me que aquela escola dos arredores da cidade capital de S. Tomé, era frequentada por crianças pobres e quase todas órfãs, sem nada na vida além de maus tratos, sofrimento e fome. Viviam um pouco ao sabor dos acontecimentos, fossem eles o que fossem.

Dois dias antes de retornar a Lisboa, uma das professoras dessa escola deslocou-se à Enco onde eu estava a trabalhar, e convidou-me para um lanche com as crianças. Segundo ela, toda a pequenada fazia muita questão em estar comigo e agradecer as prendas que receberam.

Um pouco sem jeito pelo inesperado convite, acolhi tal gesto como algo irrecusável, acedendo de bom grado.

No dia seguinte, a meio da tarde, lá fui com o motorista em direcção à escola. Assim que as crianças avistaram o Jeep correram para dentro numa enorme algazarra. Logo que entrei, fui recebido por um coro de cerca de cinquenta crianças, que batiam palmas e gritavam vivas a Portugal. Todos queriam cumprimentar ao mesmo tempo o “senhor da Galp de Portugal”.

Todas estavam vestidas com as t-shirts cor de laranja da Galp.

Falou primeiro a professora que, em nome das crianças, agradeceu as ofertas.

Por último, uma das crianças mais velhas, leu um pequenino poema de agradecimento. Jamais poderei esquecer o primeiro verso. O senhor de Portugal / Trouxe prendas na sacola / Fazendo muito felizes / Os alunos desta escola.

Sempre numa enorme alegria, as crianças não paravam de me tocar e de pedir mais coisas bonitas, como bolas, bonecas, carros, enfim, um mundo de sonhos.

Passei duas horas deliciosas e sempre num ambiente de festa e de grande emoção, que recordarei para sempre, como um dos melhores momentos que vivi em África.

No dia de regresso, já no aeroporto, ia eu na pista a caminho do avião, quando, por detrás da rede circundante, ouvi uma enorme algazarra por entre mãos que me saudavam, me chamavam por Senhor de Portugal e me desejavam boa viagem.

Olhei aquelas crianças com o maior carinho do mundo, atirando beijos com a palma da mão. Foi emocionante ver todas elas novamente vestidas com as t-shirts cor de laranja e desta vez com os bonés na cabeça.

Nos degraus frios da escada do avião, ficaram algumas lágrimas, não só de amor, mas também de raiva, muita raiva pela falta de solidariedade existente no mundo.

Os ténis de sola vermelha

Uma das vezes que estive em Moçambique, mais propriamente em Maputo, onde trabalhei nas nossas empresas aí instaladas – a Moçacor e a Petrogal Moçambique, fui participante de um acontecimento deveras singular.

Eu e mais dois colegas, o Carlos e o Manuel, como de costume, ficámos instalados no Hotel Rovuma, situado mesmo junto á Catedral de Maputo.

Dez minutos era o tempo que levávamos a pé até à sede da empresa, razão pela qual aquele hotel era o preferido de todos aqueles que viajavam de Portugal.

Antes de entrarmos ao serviço, tomávamos sempre um café numa pequena pastelaria, que ficava paredes meias com a sede. Das várias vezes que lá fomos, havia algo que nos intrigava, o que, com o passar dos dias, se tornou num momento de observação cada vez mais atento.

Sempre que o Carlos se sentava, fosse em que mesa fosse, lá estava o mesmo jovem negro a olhar fixamente para os seus pés. Percebemos que aquela curiosidade residia nos ténis que o Carlos calçava.

Eram uns ténis de marca, brancos, com uma faixa dourada de cada lado e com solas vermelhas. Se para nós eles eram perfeitamente normais, para o jovem já assim não era. Pelo olhar, notava-se que estava vidrado com a sua aparência.

Esta situação repetiu-se durante vários dias, até que o Carlos trocou os ténis por vulgares sapatos. Nesse dia, assim que os viu, o jovem fez uma cara de poucos amigos e saiu da pastelaria cabisbaixo, mal disfarçando a sua raiva ou desilusão.

Rimos à gargalhada durante todo o dia, cada vez que algum de nós comentava o sucedido.

Como fazíamos habitualmente, também nessa noite fomos jantar ao Clube Naval, local muito frequentado por grande parte da sociedade de Maputo.

Situado já fora do perímetro da cidade, só de transporte se lá chegava, transpondo uma área mal iluminada, ladeada de enormes palmeiras e mato denso, e quase deserta de habitações.

A meio do percurso, o nosso Jeep foi mandado parar por quatro polícias, devidamente etiquetados como agentes de trânsito.

Feitas as primeiras formalidades e inspecções ao veículo, apenas nos foi comunicada a falta de um parafuso na matrícula da frente. Erro grave, comentou um dos agentes. Um outro mais atrás comentou que, além de grave, podia dar apreensão da viatura, acrescentando com solenidade que apenas cumpria o que a Lei dizia.

O Manuel que ia ao volante e que já conhecia aquela demonstração de autoridade e fiscalização, resolveu passar ao ataque. Argumentou, tornou a argumentar, falou mais alto que os guardas, mas sem qualquer sucesso. Eles pareciam irredutíveis na obstinação de nos multar, até que um deles foi mais explícito que os outros. Tirou a pistola do coldre de cabedal negro e ordenou-nos para sair da viatura.

Num abrir e fechar de olhos todos nós estávamos fora do Jeep, prontos para o que desse e viesse.

Nesse instante o guarda que até ali tinha ficado mais afastado aproximou-se de nós e olhou-nos de cima abaixo. Parou em frente ao Carlos e num tom de gozo, quase em surdina, pediu-lhe, soletrando palavra a palavra, que tirasse *das patas tão lindos aviões*.

Acto contínuo lá foram os ténis e nós de volta ao Hotel calçar de novo o Carlos.

O Jusualdo que era o recepcionista do Hotel e que para nós já era familiar, tantas vezes nos recebeu como hóspedes, ficou espantado por o ver o Carlos

entrar descalço. Acorreu prontamente na nossa direcção querendo saber a razão e o que realmente tinha acontecido.

Inteirado da ocorrência, perguntou várias vezes como eram os polícias, a sua fisionomia, se algum falava baixinho, se tinham bigode, se eram gordos, etc.

Depois de ouvir alguns pormenores, apercebemo-nos que o seu rosto se tinha modificado, mostrando preocupação pelas rugas vincadas da testa. Contudo, nenhum de nós teceu algum comentário quanto a isso.

Depois de calçado, lá fomos de novo os três jantar, não ao Clube Naval mas a um restaurante da Feira Popular, que era uma pequena réplica da de Lisboa.

Os dias passavam e o incidente estava longe de estar esquecido.

Como o trabalho daquela vez estava planeado para três semanas, o fim de semana era um tempo de relaxar e passear.

No segundo domingo ao sairmos do Hotel, deparámos com uma procissão religiosa que naquele momento passava mesmo em frente de nós.

Confesso que apenas eu entendia o que se estava a passar e o significado de tal celebração e religiosidade. Aguardámos ordeiramente o seu final para podermos seguir o nosso caminho.

A certa altura o Carlos chamou a atenção com tanta intensidade, que todos à sua volta viraram a cabeça na mesma direcção. Apontava para um rapaz que integrava a procissão e que transportava uma cruz com o dobro da sua altura. Mais propriamente apontava para os pés do rapaz. Quase de certeza que seriam os seus ténis.

O rapaz, embora vestido com uma veste branca cintada por um cordão entrançado, deixava bem visíveis os ténis brancos com uma faixa dourada de cada lado e com sola vermelha.

Lembro-me da piada oportuna do Manuel dita num tom muito sério : *Lá vai um tubo de tinta da china vestido de anjo, calçado com uns ténis de um camelo !*

Foi a risada geral.

Todos riram menos o Jusualdo que estava quase colado a nós e inclinava a cabeça para um e outro lado, por cima dos que estavam à sua frente, para melhor se certificar ou confirmar alguma coisa.

Quando por fim viu o que pretendia, abandonou o local em desabafos insultuosos, entrando no hotel a pegar lume.

No dia seguinte já de noite quando regressávamos do trabalho, o Jusualdo aguardava-nos plantado a meio da recepção, segurando na mão um pequeno embrulho.

Dirigiu-se ao Carlos e entregou-lhe os ténis dentro de uma caixa de sapatos, desfazendo-se em mil desculpas pelo acto daquele jovem desmiolado de quem era padrasto.

Por entre umas cervejas e um trincar de mancarra, ficámos a saber a sua história e a do enteado. Confesso que foi uma história triste.

Por mais estranho que pareça, os ténis acabaram por regressar a Lisboa e serem oferecidos pelo Carlos a um jovem moçambicano, órfão de pai e mãe, que ainda hoje vive na Casa do Gaiato perto de Setúbal.

A multa

Para se conseguir ter uma ideia, mesmo que pálida e superficial, do modo e condições de vida de uma comunidade, é essencial viver e participar nela ou pelo menos compreender a sua génese.

Vem isto a propósito duma situação que vivi, mais do que uma vez, na cidade de Bissau. Fosse para onde fosse, era sempre o meu colega Victor que me levava no seu Jeep verde que lhe estava distribuído pela Petromar.

Como residente há vários anos, o seu conhecimento do meio citadino e arredores era muito seguro e completo, não só em relação à generalidade da população, como aos seus usos e costumes.

Numa das idas ao 24 de Setembro, um tipo de pousada sobejamente conhecida no meio e que serviu de quartel general do General Spínola durante a guerra, a meio do caminho dois guardas mandaram parar o nosso Jeep.

O Victor disse-me de imediato para não me preocupar, muito menos assustar. Como nunca tinha estado numa situação daquelas, acedi de imediato sem pestanejar, sentindo de imediato um certo arrepio de medo.

Depois da continência da praxe, um deles pediu os documentos, enquanto o outro circundava o veículo. Perguntou o guarda dos documentos ao outro :

- Então pá, tudo conforme a Lei ?

- Hum... não me parece.

- Mau ! Não te parece ? Qual é o problema ?

Em vez de responder ao colega, virou-se para o Victor e perguntou-lhe :

- O cidadão imagine que vai numa estrada comprida e com muito trânsito. Está uma noite muito escura e chove muito. Se levar os faróis sujos e tiver muita dificuldade em ver, o que é que pode acontecer ?

- O que pode acontecer ? não acontece nada ! – respondeu o Victor.

- Ah ! então o cidadão diz que não acontece nada. Muito bem ! Se tem os faróis sujos, aliás muito sujos, como consegue ver ? Responda !

Com a maior calma do mundo o Victor responde.

- Ó sô guarda, claro que vejo. Não me disse que chovia muito ? Então, a chuva lavava os faróis e já não havia falta de visibilidade ! Ou não é assim?

O guarda ficou calado durante uns segundos e depois comentou :

- Bom, já vi que o cidadão se está a armar em espertalhão. Olhe que eu sou muito bem capaz de o lixar, ouviu !

O Victor tossiu, olhou o guarda nos olhos e com voz de comando, diz-lhe :

- Ouve lá, deixa-te lá de merdas que eu tenho pressa ! Estamos a brincar ou quê ? Hoje queres sapatos, arroz ou tabaco ?

Fiquei gelado com aquela atitude, mas mantive-me quieto, mudo e colado ao banco.

Os guardas, afastando-se um pouco, conferenciaram uns segundos. Depois, um deles, colocou-se junto ao Victor e com um ar de altivez disse :

- Bom, por esta passa ! Se tiveres uns quarenta e quatro, pretos, com tacadores e biqueira larga, aceito. Para o meu colega são dois maços SG, um quilito de arroz e uma saia pr'á mulher.

- Uma saia ! Ai a porra ! Eu falei em saias ? Hoje não tenho saias ! Queres o que tenho ou não ? – praguejou o Victor.

- O cidadão não se enerve. Se hoje não tem, outro dia terá. Nesse caso aceitamos tudo, menos a saia para a mulher do meu colega.

De repente o Victor sai do carro, dirige-se ao outro guarda e berra :

- Ouve lá meu sacana, a saia é para a tua mulher ou é para a outra mula ? Pensas que eu não a conheço ? Vá, diz lá ?

O guarda baixou os olhos, tossiu, coçou o que tinha a coçar, e no fim destes gestos nervosos, acabou por dizer :

- Peço desculpa ao cidadão. Troco então a saia, por mais um quilo de arroz.

- Ah, assim tá melhor – desabafou o Victor abrindo a porta de trás do Jeep.

Dados os pertences a ambos, lá fomos calmamente para o bar do 24.

Soube depois que, casos como este, eram muito frequentes em Bissau especialmente tratando-se de viaturas conduzidas por brancos.

Dizia outro colega que entretanto se juntou a nós que, na véspera, tinha sido mandado parar por duas mulheres polícias perto do aeroporto e que, para se ver livre delas, teve que ir comprar dois batons vermelhos e seis meias de nylon. Apenas porque a matrícula tinha lama, o que dificultava muito uma leitura correcta- falta punida por lei.

De realçar que nessa altura o vencimento mensal de um polícia rondava os quinhentos escudos. Um jantar para quatro pessoas num dos quatro restaurantes de Bissau, rondava entre os três e os cinco mil escudos. Como curiosidade, o Dr. Kumba, Presidente da República, tinha um vencimento de duzentos mil escudos.

Nessa noite quando cheguei a casa do Victor, ele mostrou-me quatro caixotes grandes, onde havia montes de pacotes de pensos higiénicos do Senegal, meias de nylon da China, camisas do Líbano, saias azuis e pretas, sabe-se lá de onde, gravatas e sacos de arroz da Costa do Marfim. A um canto, deveriam estar perto de vinte pares de sapatos pretos, brancos, vermelhos, acetinados, de pele, de pano, etc., todos eles comprados a um cigano em Portugal, na Feira do Relógio dos Olivais.

Tudo aquilo era para sustento de uma situação de carência extrema, de fome disfarçada de autoridade, fazendo já parte do grande e complexo circo de Bissau, plenamente aceite entre a população branca.

Assim todos viviam em paz. Bastava apenas entrar e aceitar as regras do jogo. Nada mais.